

*Moacir Luís Araldi (Org.)*

# *Antologia encontro*



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

“Lembro com muito carinho da primeira vez que estive em Passo Fundo: eu estava na quinta série e participei da I Jornadinha Nacional de Literatura. Foi inesquecível conhecer os escritores dos livros que lia. Mais marcante ainda foi um autógrafo de um escritor, que gentilmente escreveu: *Jéssica! Você é das minhas! Um dia você também vai escrever!*”

***Jéssica Limberger***

*Palavras que marcam*



# *Antología encuentro*





*Moacir Luís Araldi (Org.)*

# *Antologia encontro*

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetoassofundo@gmail.com](mailto:projetoassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 10/08/2018

Capa: Foto de Ester M Silveira Bastos, Gare Color (Série P.Fundo), Projeto Passo Fundo.

A634 Antologia encontro [recurso eletrônico] / Moacir Luís Araldi  
(Org.). – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.  
7,8 Mb. ; PDF.  
ISBN 978-85-8326-350-0

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Antologias. 3. Poesias.  
4. Contos. I. Araldi, Moacir Luís, coord.

CDU: 869.0(81)-82

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

# *Sumário*

Sumário .....	5
Apresentação .....	7
<b>Ademar Medin</b> .....	9
Tributo a Passo Fundo .....	11
<b>Carlos Job</b> .....	13
Gran Circo Sur Americano .....	15
A Criatura da Chicuta .....	19
<b>Gilberto R. Cunha</b> .....	23
Terra de Cabo Neves.....	25
Estrelas na escuridão .....	27
<b>ICIO – Maurício Zamproгна</b> .....	29
Cassino da Maróca.....	31
O guardinha Peri.....	33
<b>Ivaldino Tasca</b> .....	35
A homenagem .....	37
<b>Jacqueline Chaves</b> .....	39
Teixeirinha .....	41
Minha convivência em Passo Fundo .....	47
<b>Jéssica Limberger</b> .....	51
Palavras que marcam.....	53
<b>João Antonio Leiria</b> .....	55
O Senhor dos Passos.....	57

O Bugio Passo-fundense .....	59
Café e Literatura .....	61
Minha Terra Meu Sonho .....	63
<b>Karine Berdian</b> .....	65
Brincando com as letras.....	67
A beleza de nossas praças .....	69
<b>Lucas Mendes Hessel</b> .....	71
Independência .....	73
<b>Marco Antonio Damian</b> .....	79
A Figurinha que faltava.....	81
<b>Miguel Guggiana</b> .....	85
Apresentação Entrelaços.....	87
Barcos sem Pescadores Carta ao Autor .....	89
<b>Pedro Du Bois</b> .....	91
Hugoslisboas.....	93
Yamandu Costa .....	95
Simples .....	96
<b>Roque Gilberto Annes Tomasini</b> .....	97
O tropeiro.....	99
Torquatto Lancelote .....	99
A maconha plantada na Avenida Brasil .....	101
A chegada dos ônibus intermunicipais em Passo Fundo ..	103
<b>Tânia Du Bois</b> .....	105
O Cassino da Maroca.....	107
Agostinho Both.....	109
Gilberto de Oliveira Borges (Gigi): Ecos do Passado .....	111
<b>Vanessa Locatelli Pietrobelli</b> .....	113
Ao editor .....	115



# *Apresentação*

Eis a primeira edição da Antologia Encontro, livro patrocinado pelo Projeto Passo Fundo e que tem como tema, nesta ocasião, a nossa cidade em toda sua abrangência.

Esta antologia sairá a cada dois anos com tema específico para cada uma das edições. Todos os escritores do Projeto podem participar.

Fiquei orgulhoso em ser parte da criação e o organizador deste primeiro volume.

Agradeço a todos os escritores que gentilmente contribuíram com seu talento para a realização deste projeto.

As publicações seguem a ordem alfabética dos nomes dos autores.

Agradeço aos amigos Miguel Augusto Guggiana, João Antonio Leiria, Roque G. A. Tomasini, Pedro Du Bois (quando está na cidade) presenças constantes em nossos cafês onde ideias sempre acabam sendo agregadas.

Agradecimento especial à amiga Tânia Du Bois pela inestimável colaboração e pela capa.

Ao Projeto Passo Fundo na pessoa do curador Ernesto Zanetti Neto por acatar e dar seguimento a mais este projeto cultural.

Abraço e boa leitura a todos.

Moacir Luís Araldi  
Organizador





## *Ademar Medin*

Natural de Chapada, RS, reside em Passo Fundo, RS. Autor tem textos, artigos e crônicas em revistas; poemas em livros. Colaborador no Projeto Passo Fundo, com três livros, *Reflexões: pensar com o corpo, entender com a alma e viver com o espírito* (2016), e *Reflexões: preciosidades para fazer a sua vida brilhar* (2016) *Reflexões: preciosas sementes* (2017).



# *Tributo a Passo Fundo*

Por Ademar Medin

Passo Fundo, capital do planalto,  
Cidade boa sem igual,  
Terra da rádio uirapuru, da UPF e do jornal O Nacional.  
Terra amada que chamo de pátria minha,  
Do Parque da Gare, da Praça Marechal Floriano,  
Tochetto e Teixeira.  
É conhecida como cidade mais gaúcha,  
Capital da literatura,  
Teu nome no coração dos gaúchos é uma gravura.  
Minha Passo Fundo amada,  
Te amo hoje, te amo amanhã, te amo para sempre,  
Te amo por toda vida, eternamente.  
Entre todas as cidades do mundo,  
É você sem comparação,  
Passo Fundo, capital do planalto,  
Que vive no meu coração.





## *Carlos Job*

Professor. Em teatro, atua como diretor de produção, ator e autor. Contista e poeta. Colaborador no Projeto Passo Fundo. Participante das Coletâneas 2013 do Projeto Passo Fundo.





# *Gran Circo Sur Americano*

por Carlos Job

Vão-se os anos na distante Passo Fundo, entre o final dos anos 30 e primeira metade dos anos 40, meados do século XX. Dentro desse período aconteceu a mais famigerada guerra onde o ser humano demonstrou fúria irracional e desprezo nauseabundo para com o outro!

Neste tempo prosperou em Passo Fundo um comércio transgressor, o contrabando de pneus, repassados aos argentinos com lucros exorbitantes, que ainda os revendiam a Alemanha, proibidos que éramos pelos acordos internacionais. Este negócio rendeu fortunas rápidas e consolidação de riquezas já hereditárias. Tudo à margem da lei. O dinheiro farfalhava nas algibeiras. Visionários aportavam em Passo Fundo pois dinheiro chama dinheiro!

Neste contexto floresceu a Rua XV de novembro, mais precisamente entre as Ruas Independência e General Osório, no centro da capital do planalto, próxima da Estação Ferroviária e Rodoviária na época. Com hotéis, restaurantes, casas de comércio, Igrejas e cemitério, tudo a um passo de qualquer necessidade!

Rua XV, quantas histórias já caíram no esquecimento e quantas foram reinventadas? Perdemos-nos neste leque de possibilidades.

E por falar em leque — ninguém tinha tanta elegância para manuseá-lo em movimentos magistrais, que as mãos mais cobiçadas a um ósculo de refinado cavalheirismo, Madame ISALDINA. Admirada pelos mais altos escalões do poder e odiada ou invejada pelas anêmicas cônjuges dos mesmos.

Exímia no trato político local e mesmo nacional, pois em seu estabelecimento de Lazer, Diversão e Cultura, palavras estas em diferentes interpretações, recepcionou o mandatário maior da nação, nin-

guém menos que Getúlio Dorneles Vargas. Corria a boca miúda que teria proporcionado lancinantes momentos de rara envergadura literária a Perón, suposição é claro em “boca de matildes”!

Aqui nada afirma-se, pois, o Cassino da Maroca (como era carinhosamente chamada) ou Palácio da Maroca é envolto em névoas de imoralidade, jogatina, bebedeiras, libertinagem e hematomas indizíveis, isto segundo relatos de algozes que viam ali, o que teria sido Sodoma ou Gomorra em idos tempos.

Aos menos afortunados, haviam na XV outros palacetes asso-bradados, pensões e mafuás.

Ao Cassino nada é comparável! Orquestra, corpo de baile, conjunto musical, sala de jogos (carteado e roleta), gastronomia e lindas ninfetas (entre 21 e 25 anos), a encantar os olhos e a aguçar o instinto da corte local e viajantes afortunados do comércio de pneus à Argentina.

O fato é que os estabelecimentos da Rua XV movimentavam a economia local, pois precisavam de garçons, cozinheiros/as, faxineiros/as, lavadeiras, cabeleireiros, manicures, costureiras, modistas, músicos, lojas de víveres, de tecido e taxistas (entre outros).

Seguindo este vetor, a Arte em Passo Fundo estava em ebulição, cito a Cia Delorges de Teatro, e é neste contexto que o CIRCO chegou em grande estilo, de trem, previamente anunciado. Parcela da população dava as boas vindas e em recíproca largos sorrisos e misancene dos artistas.

O Gran Circo Sur Americano chegou com sotaque espanhol. De linhagem circense o empreendimento cultural vinha da Província de São José (Uruguai), que segundo conversas colaterais, viera referendado por Madame!

O Gran Circo Sur Americano estabeleceu-se próximo ao Quartel do 20, região central, com dois mastros (30m por 60m), possuía cadeiras numeradas e arquibancadas, com o codinome “Gigante de Lona”! Em local apropriado o picadeiro, onde aconteceriam “Números Virtuosos” de tecido, corda indiana, lira, contorcionismo, acrobacias e trapézio, rola-rola, malabares, pirofagia e magia clássica. E também Reprises cômicas e musicais com a trupe de palhaços. Tudo isso sob a batuta do Magnata do Riso “O Palhaço Gira-gira”!

Ainda no picadeiro o público seria agraciado com cenas que a retina dos infantes jamais esqueceriam: Elefantes, Macacos, Cães e Ca-

valos adestrados, cuja estrela maior era um puro sangue que atendia pela alcunha de Conde!

Concomitante ao picadeiro erguia-se suntuoso, um palco italiano. Uma novidade onde brindava-se o público com peças de teatro, uma inovação prodigiosa. Era o Circo adaptando-se aos novos tempos onde as casas de cinema dividiam público e também o surgimento eloquente da televisão. Nascia assim o Circo Teatro ou conforme preferência semântica, Teatro de Lona, com números mais curtos e atrativos.

No entanto caro leitor, ainda na função de armação desta fábrica de sonhos, correu boato que Gira-gira tornara-se mais uma vítima dum surto de febre tifoide que assustava a região. Confirmado o diagnóstico e gravemente doente, em perigo de morte eminente, teve licença médica humanitária, para proporcionar a sua esposa, o sonho dum casamento em cerimônia religiosa. Assim foi feito na Igreja Nossa Senhora da Conceição onde as aias foram as próprias filhas. Um escândalo, não fossem os enfeites da Matriz, terem sido presente da comadre Isaldina (como era saudada na família circense). Enfim havia um vexame maior!

Gira-gira foi tratado e curado no HSVP e o espetáculo então, teve prosseguimento! Ou quase. Enfim, houve um atraso na estreia, em vários dias. É que o secretário do circo, o homem das deliberações burocráticas, estava no xilindró, acusado de bebedeira e arruaça na rua XV. Gira-gira por pouco não teve um colapso com a aviltante notícia.

Conta-se que o homem dos trâmites, por ter regalias junto a comadre, chegou garboso no Cassino, escolhendo a dedo, Tetéia, uma francesinha de 21 anos e catedrática na arte da sedução. De corpo esguio, feições de boneca e um vestido rendado sob um vermelho cádmio acinturado de um leve godê que se estendia a um palmo antes dos joelhos, deixando entrever, sem nada mostrar. Este encontro foi regado a champanhe pra moça e whisky pra matar a sede dum batalhão. Lá pelas duas da madrugada Tetéia levou o incauto a mesa de jogo. Conta-se que na última rodada quando o croupier anunciou o vencedor e curvou-se para recolher as fichas e o dinheiro sobre a mesa, deu-se o fiasco de proporções antológicas. Antony, nome artístico, duro de trago saltou sobre a mesa tentando resgatar ao menos parte da aposta, chorando desesperadamente e lutando com os seguranças, gritava como um louco:

— este não, este não, ele é da prefeitura.

Sem o pagamento das taxas, sem Alvará.

Sem Alvará. Sem Circo!

Gira-gira apurou o corpo, ainda convalescendo, vestiu sua melhor fatiote, e foi até o Cassino. Em encontro reservado com a comadre Maroca, nem foi preciso pedir, de pronto a formosa dama proveu 100 cruzeiros ao amigo, uma pequena fortuna à época. E foi assim que o Gran Circo estreou em Passo Fundo e foi sucesso estrondoso. Mais um segredo, Maroca teria patrocinado, não fosse a devolução do empréstimo nota em cima de nota. Gira-gira era homem de princípios.

Conta-se também que vinte dias depois partiu o circo, de trem, rumo a Cruz Alta. À bagagem de Antony somava-se a de Sebastião, (vulgo Tetéia, lembram?), teriam vivido um tórrido amor. Eu não paro de me surpreender com este Cassino.

O mágico, “El Condor”, amasiou-se com a estonteante nigeriana Magdalenna e seus descendentes são os criadores ao que sei, do Circo Giratório da Chechenia.

E tem o caso menos glamuroso, dum peludo de apelido Chico Onça, que sem dinheiro para ostentar iniciou um romance com rapariga dum mafuá, mais a esquerda na Rua Independência, loiraça de nome Marga, que lhe rendeu dias felizes e uma vida de incomodação.

E ainda tem o caso mais comentado, até hoje pelos mais velhos. Heráclito, o galã das peças teatrais, moço de fina estampa, não se dava ao desfrute do meretrício. Era visto diariamente entrar na Igreja, circunspecto. Quando o Circo partiu a Madre encontrou bilhete bizarro. A noviça rebelde fugiu com o Circo e foi viver de amor e arte!

Foi-se o Circo, guerra acabando e a Rua XV começou seu martírio de intrigas jornalísticas, moralismo religioso e senhoras despeitadas.

E hoje, é só mais uma história!

# *A Criatura da Chicuta*

por Carlos Job

Deus do céu!

Há histórias que não deveríamos sequer mencionar a existência. Pois o horror estampado nos olhos de quem viu — só em pensar arrepiava-me a lombar! Falo porque conversei com pessoas, com as quais traivei silêncios inesquecíveis, sílabas gaguejantes e frases truncadas pelo pavor.

Escrevo, quase na ânsia indômita de avisar. Quero alertar do perigo que corres, se depois da meia noite, por um motivo qualquer, andares a pé na Avenida Chicuta, descendo a lomba da Gare, lá pros lados do Bosque. A coisa acontece na altura do arroio Raquel (para alguns antes dele, para outros um pouco mais adiante).

Os moradores do entorno contam com voz debilmente baixa e olhar espreitando a porta, que o evento acontece entre meia noite e quatro horas da manhã. Contam que tudo começa quando o vento minuano em um assovio fino penetra as frestas dos cômodos, numa melodia quase mortificante. Logo a seguir, ouve-se ao longe um tropel de cavalos, quase visualiza-se os animais em característicos galopes e relinchos, mas nada se enxerga!

Concomitante, uivos de cães e lobos guará, ora distantes, ora em que o bafô e o cintilar de caninos brancos rosnando em direção a coxa e/ou jugular, definitivamente afastam o espírito, deixando um corpo pálido e ofegante, paralisado pelo medo!

Mas não há, segundo me relataram, vítimas de sangue. A “coisa” é, perigosamente espiritual ou relacionada a isso, senão transcendental.

Contaram-me os viventes que este evento é mais forte no quarto de lua nova, onde a luz é desesperadamente cercada pelo breu celestial.

Lua cheia, caro leitor, é pra histórias mirabolantes de Lobisomens e Morcegos sanguinários.

Ah, gargalhadas estridentes as vezes masculina, outras feminina. Vultos percorrendo calçadas e ruas adjacentes. Vês e ouves, mesmo que não queiras!

Cristãos de todas as matizes, judeus, muçulmanos e crentes de matrizes africanas, citando também agnósticos e gnósticos ... unanimidade! Naquele quadrante, em Passo Fundo, algo sobrenatural ou ainda carecendo de explicação científica ... acontece!

Entrevistei inúmeras pessoas. Preservo nomes para não haver represálias da imprensa ideológica ou procura insana da imprensa sensacionalista.

Contou-me um senhor, entorno de 50 anos, Pastor de profissão, com voz trêmula e um cacoete onde a pálpebra do olho esquerdo tremia ensandecidamente, que um cão, descrito como um Rottweiler, o cachorro do demônio, bafejou-lhe a nuca num rosnar gutural, tendo avançado traiçoeiramente. Ele, numa corrida tresloucada percorreu cem metros rasos em segundos olímpicos, também saltando um muro de dois metros sem apoio físico. E que só parou de espancar a porta de casa e de gritar alucinadamente quando sua esposa espavorida a abriu. Ele entrou e viu, como numa alucinação, o bicho transformar-se em algo maior ainda, como um urso e concomitante adquirir uma etérea forma humana com fraque, cartola e um sorriso quase maroto!

Umbandistas afirmam ser Exú cuidando das pessoas, tirando-as da linha de perigo. Mas evitam aquele local após a hora grande (meia noite). Acostumados a lidar com tais energias, naquele quadrante, evitam, pois como dizem, a coisa é punk.

Outros ainda afirmam que um senhorzinho de corcunda acentuada, que ninguém jamais viu o rosto, é um ser encantado. Toma ele uma forma dúbia, meio homem, meio porco que grunhindo agita os animais domésticos, instigando-lhes o instinto selvagem, modificando inclusive a atmosfera local (o porco-homem).

Um ufologista numa conversa quase informal, confessou-me que aquele quadrante é monitorado pela CIA e pela NASA, sem que os governos municipal, estadual ou federal tenham gerência ou saibam. Segundo ele ali existe um portal, onde pessoas especiais transitam in-

suspeitamente. Confidenciou-me que cidadãos comuns fizeram a passagem e no retorno a esta realidade relataram que Passo Fundo é co-irmã de Atlântida (a civilização perdida). Este pesquisador contou-me ainda que o Festival de Folclore, a Feira do Livro, a Jornada Internacional de Literatura e a Jornadinha mais o Rodeio Internacional de Gaudérios em Passo Fundo, são diretamente influenciados pelos Atlantes. São meios deles encontrarem-se e fazerem a troca dos guardiões deste segredo.

Meus amigos, a história toda não sei e duvido que venha saber algum dia. Passo Fundo como veem não é para amadores, ignorantes ou covardes. Estou a crer que é terra de gente sensível e inteligente! O tempo dirá!

Mas — e a criatura, estás a se perguntar?

Não sei se existe ou não! Mas que há alguma coisa, ah, é claro que há!







## *Gilberto R. Cunha*

É engenheiro-agrônomo (1985), Mestre (1988) e Doutor (1991) pela Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS). É pesquisador da Embrapa, desde agosto de 1989. Em 2001, ingressou na Academia Passo-Fundense de Letras e, em 2009, foi patrono da 23<sup>a</sup> Feira do Livro de Passo Fundo. Foi Chefe-Geral da Embrapa Trigo, de 1<sup>o</sup> de março de 2006 a 5 de setembro de 2010. É autor da série de livros *Meteorologia: Fatos & Mitos* (1997, 2000 e 2003), *Cientistas no Divã* (2007), *Galileu é meu pesadelo* (2009) e *A ciência como ela é...*, de 2011, obra finalista do Prêmio Açorianos de Literatura 2012; além de ter sido editor de diversos livros sobre história e tecnologia de produção de trigo no Brasil. Foi presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, gestão 2014-2016. É colunista do *Jornal O NACIONAL* desde 1995, com contribuições semanais sobre ciência e literatura.



# *Terra de Cabo Neves*

Por Gilberto R. Cunha

Ainda que não seja a mesma coisa dizer que Manoel José das Neves, o Cabo Neves, foi um cabo muito respeitado da nossa briosa Brigada Militar, que morava na Vila Alice, como supõem alguns moradores daquela localidade em função da Travessa Cabo Neves, que o homenageia naquela vila da cidade, ou, como escreveu um “pretense” historiador, que foi um militar designado, na época imperial, para comandar uma escolta de seis praças e assegurar a integridade territorial de Passo Fundo, também não se pode afirmar, como reza a boa análise, que são diferentes: ambas são asneiras (bullshit) ditas ou escritas sem o mínimo de crítica historiográfica.

Foi para sanar esse mal que são acometidos muitos passo-fundenses e prestar a devida reverência ao fundador da cidade de Passo Fundo, que Ney Eduardo Possapp d’Avila, o nosso historiador local de escol, dedicou os últimos 25 anos a resgatar a história de Manoel José das Neves, o popular Cabo Neves, cujos resultados dessas pesquisas, foram, para nossa felicidade, reunidos no livro “Cabo Neves: fundador da cidade de Passo Fundo”.

Não são muitas e nem precisas as informações sobre Manoel José das Neves. Nem dos seus restos mortais sabe-se o destino. Todavia, os dados que Ney Eduardo Possapp d’Avila conseguiu recolher, apesar das muitas suposições, são mais que suficientes para desmontar boa parte da mitografia que ainda impera sobre a fundação de Passo Fundo. Manoel José das Neves, nascido em São José dos Pinhais, Comarca de Curitiba, Capitania de São Paulo, por volta de 1790, foi um miliciano (tropa de 2ª linha do Exército), que integrava o Regimento de Cavalaria Ligeira, sediado em São Borja. Na Guerra Cisplatina acabou gravemente ferido no combate do Rincão das Galinhas, em 24

de setembro de 1825. Recolhido ao quartel de São Borja, depois de recuperado dos ferimentos, foi promovido a Cabo e reformado, sendo dispensado do serviço militar. Foi assim que, em dezembro de 1827, acompanhado da esposa Reginalda da Silva e demais familiares, agregados, escravos e alguma gado, chegou e arranchou-se à beira do caminho das tropas (atual Av. Brasil) junto à nascente do Goiexim, onde hoje fica o Chafariz da Mãe Preta (homenagem à escrava Mariana, ama de leite dos filhos do Cabo Neves). Depois construiu a sua morada no alto da coxilha, provavelmente no hoje leito da Rua Paissandu, entre as ruas Teixeira Soares e XV de Novembro, nas cercanias da Praça Tamandaré.

A confusão sobre o fundador de Passo Fundo, Cabo Neves x Fagundes dos Reis, pode ser atribuída ao Instituto Histórico de Passo Fundo, que, em 1957, às vésperas do 1º Centenário da Emancipação Política-administrativa do Município, arbitrariamente, escolheu um capitão do exército para ocupar o posto de fundador, sem assinalar se era a cidade ou o município, designando simplesmente: “Passo Fundo, terra de Fagundes dos Reis”.

Ney Eduardo Possapp d’Avila insiste que, nessa escolha do fundador de Passo Fundo, contra Manoel José das Neves pesaram três pecados: ser um rele Cabo de Milícias, haver combatidos os rebeldes farroupilhas e ser semianalfabeto. E a favor de Fagundes dos Reis, sobressaíram-se os predicados: Capitão do Exército, homem letrado e Maçom e que havia tido simpatia pelos farroupilhas. E mais, que Manoel José das Neves merece o título de Fundador da Cidade de Passo Fundo, por, pelo menos, três razões: foi o primeiro morador, recebeu a concessão de terra onde surgiu a cidade (em 1831), além de ter doado à Igreja Católica parte do terreno recebido, não pela devoção religiosa, mas para obedecer a legislação da época e oficializar a incipiente povoação.

Manoel José das Neves, o Cabo Neves, foi homenageado pela Câmara Municipal de Vereadores, em 1965, com a denominação de uma viela na Vila Alice (entre a Vila Santa Maria e o bairro São Luiz Gonzaga), e, em 2015, com um monumento na Praça Itália, em iniciativa do Cavaliere Aldo Alessandri. É pouco! Por isso, Ney Eduardo Possapp d’Avila, o autor do livro mencionado nesse texto, sugeriu que seria justo denominar de PARQUE CABO NEVES a área do antigo quartel do Exército. Eis uma proposta que, até a presente data 25 de maio de 2018, não foi levada adiante nem pelo executivo municipal e nem pelos nossos nobres edis.

# *Estrelas na escuridão*

Por Gilberto R. Cunha

De 1º de junho a 3 de agosto de 1977, Jorge Luis Borges realizou um ciclo de sete conferências no Teatro Coliseo em Buenos Aires. O jornal *La Opinión* adquiriu os direitos de publicação, trazendo a transcrição das falas em sete suplementos especiais que saíram nas edições diárias entre 20 de julho e 31 de agosto daquele ano. Ainda em 1977, as gravações dessas conferências foram disponibilizadas em discos de vinil e em fitas cassete. Posteriormente, apareceram em formato de livro, pela Fondo de Cultura Económica, do México, em 1980, e pela Emecé, a partir de 1997. Em março de 2006, com direção de Alfredo M. Scalise, a editora Umbriático, de Buenos Aires, sob o título de “Borges literal”, publicou um conjunto de sete CDs (um para cada conferência), um DVD (filme da última conferência) e um livro com a transcrição das falas originais de Borges. Foi esta obra, presente da amiga Márcia B. Moreira Pimentel, que serviu de base para a análise que segue; em particular a conferência “La ceguera”.

Na noite de 3 de agosto de 1977 (21 h), J.L.Borges amparado por Maria Kodama sobe ao palco do Teatro Coliseo. Uma cadeira e uma pequena mesa, sobre ela dois microfones e um copo com água, complementam o cenário. Borges senta, toma um gole de água, faz a sua convencional saudação, “Senhoras, Senhores”, e, nos próximos 45 minutos, discorre, com maestria, sobre o tema que se propusera falar: a cegueira. Começa definindo a sua cegueira como um lento crepúsculo, que iniciou desde que pode ver. Para marcar o momento que se deu conta ter, de fato, perdido a visão (como leitor e escritor) ele cita o ano de 1955, quando foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional. E essa ironia do destino, que lhe deu os livros e ao mesmo tempo a noite, foi sintetizada no “Poema de los dones”: “Nadie rebaje a lágrima o reproche/

esta declaración de la maestría/ de Dios que con magnífica ironía/ me dio a la vez los libros y la noche”. E tendo consciência de que quando alguma coisa termina, também outra começa, ele, que havia perdido o mundo das aparências (visão), tomou a decisão de criar o novo, redescobrimdo mundos (particularmente literários) que até então ignorara.

Escritores cegos não faltam na história da literatura. Homero, autor dos dois maiores poemas épicos da Grécia antiga, a *Ilíada* e a *Odisséia*, e cuja existência não se pode provar, é o exemplo mais ilustre. Tradicionalmente, nos é mostrada a imagem lendária de Homero como o poeta cego. Inclusive, podemos pensar que Homero não existiu e que os gregos gostavam de imaginá-lo cego para realçar, segundo Oscar Wilde, que a poesia não tem que ser visual, a poesia tem de ser, antes de tudo, auditiva. E eu acrescentaria: poesia tem, acima de tudo, que mexer com sentimentos.

John Milton (1608-1674), o poeta lírico inglês que tratou do conflito entre o bem e o mal, acabaria cego em 1652. E foi depois de cego que escreveu poemas clássicos, inovando com versos sem rima. São exemplos, *O Paraíso Perdido*, relatando o conflito ente Lúcifer e Deus, *Paraíso Reconquistado*, narrando a vitória de Cristo sobre as tentações, e *Sansão Combatente* (*Samson Agonistes*), uma espécie de autorretrato, que destaca o gigante “eyeless in Gaza” (sem olhos em Gaza).

Saindo do universal para o particular, vale lembrar que Passo Fundo, em 1937, teve um cego envolvido com literatura. Refiro-me a Octavio de Oliveira Cruz, que editava, sob o selo da Livraria Nacional, e vendia (para sobreviver, acredito!) a revista “Estrellas - Conjunto de colaborações de intelectuais de Passo Fundo”. Sobre essa revista, cujo exemplar que tenho ganhei de Eduardo Loureiro da Silva, restou-me a dúvida: qual foi o destino de Octavio de Oliveira Cruz? Alguém tem outros números dessa revista? Ficaríamos gratos em saber.



# *ICIO*

## *Maurício Zamprogna*

Cartunista nascido em Passo Fundo - RS em 1986. Premiado com o 1º lugar no 1º Salão de Humor de Rio das Ostras-2014 na categoria cartum, além de Menção Honrosa na categoria HQ. Premiado com o 2º lugar no 26º Salão de Humor de Volta Redonda. Meus desenhos também já foram expostos em diversos salões de humor nacionais e internacionais. Tais como o 40º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, XV PortoCartoon em Portugal, Salão de humor LA GHIGNATA em Monza, 2º International Cartoon Contest Sinaloa 2013 México, XVIII Salão Internacional Diogenes Taborda em Buenos Aires, XXII Salão Internacional de Desenho de Porto Alegre, 12º Salão de Humor de Cerquilho entre outros. Alguns desenhos também já foram publicados na revista MAD Brasil e em jornais e publicações locais. No momento público na revista Somando de Passo Fundo.





# *Cassino da Maróca*

Por Icio





# O guardinha Peri

Por Icio







## *Ivaldino Tasca*

Membro da Academia Passo-fundense de letras.



# *A homenagem*

Por Ivaldino Tasca

Candelabro acordou mais cedo, amanheceu engalanada. Efervescente, de sorriso fácil. Postes e meios-fios caídos, bandeirolas amarelas, vermelhas e roxas à Volpi trouxeram cara de festa de São João à pequena cidade. As lojas da avenida estão com as vitrines enfeitadas para o evento. O Altar da Pátria ganhou pintura nova para os discursos após o desfile.

Ontem a banda marcial de Carreta Quebrada, cidade vizinha, levou metade da população às ruas no afinadíssimo último ensaio para puxar o desfile colegial que abre os atos oficiais de hoje; para alívio geral as negras nuvens matinais se dissiparam rápido, o sol se postou impávido com toda aquela imponência que cerimônia dessa envergadura requer. Donos de bicicletas e pandorgas de todas as idades curtiram a deliciosas manhã.

O prefeito determinou ponto facultativo (ao finalizar o decreto justificando tal medida sentenciou, ao se referir ao homenageado: “fortuna audaces sequitur”); os três deputados que representam essa progressista região produtora de grãos na Assembleia chegaram cedo, um lerá a mensagem do governador “ao ilustre filho do bravo povo candelabriano”; a missa do final da manhã na Matriz lotada teve caráter solene e o pároco caprichou na fala, sua voz tonitruante bradou aos pais do homenageado em momento de grande silêncio na nave: “arbor bona fructus bonos facit”; o casal deixa rolar grossas lágrimas.

A emissora da cidade vizinha, líder em audiência, está a postos desde o amanhecer com seu time principal de repórteres para transmitir ao vivo; no noticiário das 12,30 horas fez resenha dos acontecimentos da manhã; as carrocinhas de churros, de pipoca, de chá mate e de ca-

chorro-quente estão, como no Sete de Setembro e no Dia do Município, estrategicamente colocadas na avenida por onde passará o desfile com início para às 15 horas.

O Bar Brasil, ao lado da Igreja, nunca reuniu tantos por tanto tempo; os do contra e os adeptos da homenagem se revezam em falas acaloradas consumindo caipirinha, cerveja, conhaque, cachaça com bitter, ovo de codorna, picadinho de mortadela, pepino e queijo colonial. O mais exaltado é o candidato a prefeito derrotado na última eleição. Na tonalidade que a língua assume na sexta caipirinha, esbraveja: “isso é um escárnio, chacoalhar o mundo só porque o Petico de Candelaro (nome artístico do poeta Aresteveldo de Bragança e Silva) teve um e-mail lido pela Fátima Bernardes na Globo?”

A possibilidade de um agarra-e-solta-e-agarra se desfaz quando gritam: olha o desfile do Piteco. O Bar Brasil se esvazia para ver a banda passar...





## *Jacqueline Chaves*

Nasceu em Passo Fundo, em 05 de fevereiro de 1970. É filha de Augustinho de Oliveira da Rosa (in memoriam) e Thereza de Lurdes Azeredo de Chaves. Coursou o 1º Semestre do Curso de História na UPF, formou-se no Curso Técnico de Contabilidade, na Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis. Trabalha em Escola de Educação Infantil do Município e é Servidora Pública.



# *Teixeirinha*

**Por Jacqueline Chaves**

Era uma vez  
Um homem cantor  
Cantador e encantador.

Muito bonito e galante  
Ele se chamava  
Vitor Mateus Teixeira  
Ele nasceu  
No dia 3 de março de 1927  
E morreu no dia 4 de dezembro de 1985  
Em Porto Alegre  
Onde mora ainda  
Seu filho que também  
Leva esse mesmo nome.

Teixeirinha como ficou  
Sendo conhecido  
Também viveu  
Aqui na cidade  
De Passo Fundo - Rio Grande do Sul.

Onde ele tinha  
A sua barraquinha de tiro ao alvo  
Que era a diversão da criançada  
E o jeito que ele começou  
A ganhar a vida  
Isso conta minha mãe  
Que junto com seus irmãos  
Também brincava de atirar ao alvo.

Mas ele ainda  
Mostrava um outro predicado  
A música, pois ele já cantava  
Sempre acompanhado  
Pelo seu violão  
Naquela humilde  
Tenda de madeira  
Coberta de zinco  
Ele cantava  
E encantava.

Pois pelo que me contaram  
O seu violão  
Ele tocava  
Que *debuiava* (*Talvez colocar em itálico*)  
Termo que o povo usava  
Até canções  
Que ali mesmo  
Ele inventava  
Com rimas pomposas  
Ele sempre  
A todos alegrava.

E sabem onde  
Era essa barraquinha  
Não era em Rolante  
Distrito de Mascaradas  
De onde era sua origem  
Pois foi onde ele nasceu.

Mas onde ele cantou  
Seu violão tocou  
E encantou  
Foi aqui mesmo  
Em Passo Fundo  
Onde agora temos nosso maior  
Shopping Center.

Era lá onde  
Só existia trilhos  
Para passar trem  
Ainda não existia  
Calçamento nem asfalto  
Naquele lugar  
Tinha uma fábrica de pregos  
Que atualmente  
É a Avenida Sete de setembro  
Depois foi um mercadão  
Tipo atacado mesmo  
Que pertencia a família  
Rebek e hoje é o  
Shopping Center Bella Citta.

Teixeirinha teve uma esposa  
Que se chamava Zoraide  
Mas ele conheceu  
Mary Terezinha  
Que como ele  
Gostava de cantar  
E juntos fizeram  
Muito sucesso  
E foram felizes  
Até quando Deus quis.

Mas para nós gaúchos  
Ele se tornou  
Uma figura  
Muito importante  
Porque até hoje  
O nosso povo  
Escuta, canta e dança  
Suas músicas  
Que são belas canções.

Para nós Passo-fundenses  
Ele se tornou  
Um verdadeiro  
Mito, um ídolo  
Para a nossa cidade  
Que nas proximidades  
De onde ele tinha  
A sua barraquinha  
De tiro ao alvo  
Hoje tem a sua estátua.

Um monumento  
Com fundamento  
Pois a praça  
Onde fica localizada  
No centro do município  
De Passo Fundo  
Leva o seu nome  
Que tem para todos nós  
Um significado  
Muito profundo.  
Viva o Teixeirinha eternamente.  
Por isso temos também o ginásio  
Que leva seu nome em sua homenagem.





# *Minha convivência em Passo Fundo*

**Por Jacqueline Chaves**

Hoje quero apenas falar  
Falar de Amor  
Amor a minha terra Natal  
Passo Fundo.

Como eu amo Passo Fundo  
Por isso eu sempre digo  
Com firmeza  
E muita grandeza  
Aqui eu nasci  
E aqui eu pretendo morrer.

Passo Fundo em ti  
Eu cresci  
Do teu ventre eu saí  
Tudo o que eu sei  
Foi aqui que aprendi  
Aqui também ensinei.

A minha convivência  
Em Passo Fundo  
É tão bonita  
Pois aprendi a amar  
E esse amor retribuir  
Fazendo o bem  
Amando sem esperar nada em troca.

Aqui eu nasci  
Família eu constituí  
Patrimônio eu construí  
Amigos eu conquistei  
Aqui eu estudei  
Ainda trabalhei.

Já não sei o que dizer  
Por que eu sou o que sou  
Devo a ti  
Passo Fundo.

A minha convivência  
Em Passo Fundo  
É por amor  
Por agradecimento  
Pois és uma terra abençoada  
Sempre limpa  
E bem tratada.

Passo Fundo  
Minha terra Natal

Igual a você  
Não existe outra igual  
Sem enchente  
Com a paz decretada  
Para sempre  
Onde guerra e destruição  
Não pode existir.

Em Passo Fundo  
Vivo desde quando eu nasci  
Aqui deixo o meu passado  
Vivo o meu presente  
Escrevendo o meu futuro  
E respiro o ar puro.

Contemplando o céu  
Admirando o brilho do sol  
E a claridade da lua  
Onde olho e fico nua  
Sem precisar satisfação  
A ninguém dar.

Porque eu olho  
Com o coração  
E somente para você  
Passo Fundo  
Eu faço menção  
E digo gosto de aqui morar  
Porque é muito bom  
Eu poder te amar.





## *Jéssica Limberger*

Acredito no poder das palavras, como psicóloga e como escritora. Possuo publicações nos livros *Crônicas Faquianas III* e *Crônicas Faquianas IV* (Editora UPF), com as crônicas “Quer namorar comigo?” e “A garota da faxina”. O conto *Vi(vendo) a cultura*, de minha autoria, foi premiado na 14ª Jornada Nacional de Literatura com o concurso das Lojas Colombo, com o terceiro lugar.



# *Palavras que marcam*

por **Jéssica Limberger**

Lembro com muito carinho da primeira vez que estive em Passo Fundo: eu estava na quinta série e participei da I Jornadinha Nacional de Literatura. Foi inesquecível conhecer os escritores dos livros que lia. Mais marcante ainda foi um autógrafo de um escritor, que gentilmente escreveu: “Jéssica! Você é das minhas! Um dia você também vai escrever”.

Para uma menina de 10 anos, que já possuía a paixão pela leitura, aquilo foi como um troféu. Passaram-se anos, entre um caderninho de poemas até adentrar em textos mais elaborados. No Ensino Médio, outra lembrança especial, da professora Josefina, que deixou um recadinho junto com a nota da avaliação: “Um dia quero ler um livro seu”. O sonho de ser escritora estava se tornando realidade: enquanto cursava a faculdade de Psicologia, surgiu a primeira experiência como escritora de crônicas, com a participação nos livros “Crônicas Faquianas III” e “Crônicas Faquianas IV”. No Mestrado e Doutorado em Psicologia, a participação em capítulos de livros da área da Psicologia, momentos que guardo com muito carinho na minha memória.

Fico pensando no quanto cada um de nós possui seus momentos marcantes, que contribuem para o nosso crescimento. Na nossa vida, diante de tantas pessoas com quem convivemos, somos marcados pelas palavras de incentivo daqueles que acreditaram no nosso potencial e nos motivaram a seguir em frente. É sempre ótimo acreditarmos na nossa capacidade, e melhor ainda quando mais alguém aposta no nosso sucesso.

Assim como as palavras podem conduzir ao nosso crescimento pessoal, tantas outras podem trazer mágoas. Tais palavras, que infelizmente chegaram até nós e ficaram ecoando: “você é tímido”, “você é feio”, “você é burro”, “você é gordo”, “você é um desastrado”, “você

faz tudo errado” e “você não vai conseguir”. Essas e tantas outras palavras, por muitas vezes nos impediram de percebermos o nosso potencial e a nossa força, pois acabamos acreditando nelas.

Não podemos mudar as palavras que as pessoas disseram no decorrer da nossa vida, não podemos mudar o quanto aquelas palavras nos machucaram no passado, mas podemos reescrever a nossa história com outras palavras no momento presente. Certa vez, ouvi falar que na Psicologia, a cura acontece pela palavra. Essa definição é muito profunda, pois a palavra nunca está sozinha. A palavra reflete os nossos pensamentos, que juntamente com os nossos sentimentos, repercute nos nossos comportamentos.

Quem me conhece, sabe que sou uma sonhadora. Sonho com um mundo em que as pessoas vão cuidar dos seus pensamentos assim como cuidam dos seus exames de rotina. Sonho com um mundo em que as pessoas não sintam medo ou vergonha de procurar um psicólogo, ou até mesmo de dizer para alguém que estão indo em um psicólogo. Sonho com um mundo em que as pessoas percebem que cuidar de si é um bem precioso.

Além de sonhar, eu também vivo esse sonho e busco concretizá-lo a cada dia, seja nos atendimentos que realizo, nas pesquisas que desenvolvo ou nos textos que escrevo. Assim, busco que a Psicologia esteja cada vez mais próxima do cotidiano das pessoas, contribuindo no alívio do sofrimento, no enfrentamento das suas dificuldades e auxiliando na qualidade de vida. A Psicologia não vai ser uma “solução mágica” para os problemas, pois psicólogo e paciente vão trabalhar juntos para alcançar o objetivo pretendido.

Continuo sonhando: que as palavras deste texto possibilitem que você reflita sobre as palavras que disse aos outros, e sobre os tipos de palavras que chegaram até você. Que você perceba a importância de cuidar do seu bem mais precioso: você mesmo.





## *João Antonio Leiria*

Nasceu em 1965, poeta e escritor de vários gêneros: romance, história infantojuvenil. Natural de Ronda Alta, RS. Radicado em Passo Fundo desde os sete anos de idade. Ensinou teatro e trabalhou com crianças e adolescentes de nossa cidade. É envolvido com arte. Escreveu e dirigiu várias peças de teatro apresentadas em escolas, empresas e praças de Passo Fundo e região. Sempre prendendo a atenção de muito público. Atualmente é empresário no ramo de fotografias e eventos. Continua com seu grupo de teatro e escrevendo muito.



# *O Senhor dos Passos*

por João Antonio Leiria

O Senhor abençoou meu passo, e nele eu me criei...  
Quando andei por outros passos, com esse passo eu sonhei,  
Passo firme, passo certo, passo longo ou, passo curto...  
São belos todos os passos, mas este, e o melhor do mundo,

Refletindo nos passos que andei,  
Descobri, que amo esse passo,  
Só um passo decisivo, nos leva para o abraço,  
Um passo com muito amor... Paz, justiça e esperança

Um passo sem preconceitos,  
Do idoso, do jovem e da criança...  
Um passo, de todas as raças, um passo, de toda cor,  
Com espaço para o negro, e para o branco é acolhedor,

Sua gente é hospitaleira, em seu passo de vitória...  
Andando nesse compasso, meu passo faz sua história,  
É um passo abençoado por Deus, e nele eu não me confundo,  
Andando de passo, a passo, cheguei... Ao meu Passo Fundo.



# *O Bugio Passo-fundense*

por João Antonio Leiria

É o Bugio, é o bugio... é o bugio passo-fundense...  
Ele é igualzinho aos outros, só que é mais inteligente.  
Que bugio, que bugio... que bugio mais assanhado...  
Onde ronca esse bugio não fica ninguém parado.

É o bugio passo-fundense da rodilha do cipó...  
Onde ronca esse bugio do salão levanta pó.  
É o bugio, é o bugio... é o bugio passo-fundense...  
Ele é igualzinho aos outros, só que é mais inteligente.

O bugio já está roncando, lá embaixo na canhada,  
Quem chegou aqui solteiro, hoje arranja namorada.  
É o bugio, é o bugio... é o bugio passo-fundense...  
Ele é igualzinho aos outros, só que é mais inteligente.

O bugio passo-fundense... outro igual nunca se viu...  
É nascido no Rio Grande, mas ronca em todo o Brasil.  
É o bugio, é o bugio... é o bugio passo-fundense...  
Ele é igualzinho aos outros, só que é mais inteligente.



# *Café e Literatura*

por João Antonio Leiria

Literaturas, belas-artes  
Apreciadas com carinho  
Entre o papo inteligente  
Saboreando um cafezinho

Recordo daqueles dias  
Sempre em boa companhia  
Entre livros e poetas  
E outros da mesma linha

Histórias de nossa terra  
Também das circunvizinhas  
Na Capital da Literatura,  
Passo Fundo... Terra minha





# *Minha Terra Meu Sonho*

por João Antonio Leiria

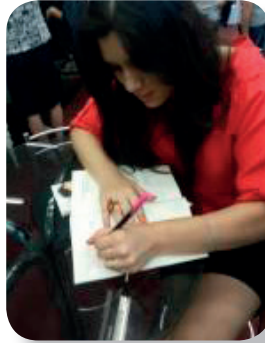
Minha terra é abençoada,  
Dela manam, leite e mel,  
É um lugar maravilhoso,  
É um pedacinho do céu.

É a terra dos meus sonhos,  
Pode ser dos seus também,  
Pode vir que tem lugar,  
Se quiser traz mais alguém.

O arco-íris se faz notar,  
Lá no lago das cachoeiras,  
Vejo crianças brincando,  
Lá nas sombras das palmeiras.

Se seus olhos forem bons,  
Poderás ver maravilhas,  
Amor, amizade e paz,  
Sempre traz mais alegria.





## *Karine Berdian*

Nasceu em 1996, em Passo Fundo; escreve desde criança. Estudou no Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis; participa com poemas no Projeto Passo Fundo. Sua primeira experiência literária foi com o seu diário, depois, com poemas para exprimir seus sentimentos. Agora, desperta a escritora que quer colocar em livro a sua “Essência” de vida.



# *Brincando com as letras*

por **Karine Berdian**

Quando era criança tive vários estímulos da minha mãe para ler, lembro como se fosse hoje que ganhava aquelas coleções de livrinhos, meu quarto era cheio deles.

Depois quando estava na escola não gostava muito da leitura, pois as leituras obrigatórias fazem perder a vontade por serem assuntos que não são muito interessantes, mas fazem parte pois tudo é aprendizado.

No decorrer do tempo na escola ainda lembro que tinha uma professora que fez tudo fazer sentido de novo, levava nossa turma no livro do mês e conhecíamos a história do livro na sala de aula ainda, depois tínhamos o encontro com o escritor e podíamos fazer perguntas, ele contava cada detalhe do livro e o que levou a escrever.

Acredito que a partir dessa experiência incrível lá no fundinho da minha alma uma faísca começou a ter cada vez mais força, junto com algo que já existia em mim que era escrever, como sempre fiz nos meus diários aqueles que a gente ganha de presente.

E nascendo onde nasci vivendo aqui não tinha como ser diferente nosso Passo Fundo que é capital nacional da literatura, nasceu junto a escritora que sou hoje, nos completamos como escritora e capital nacional da literatura, somos como estrela e céu precisamos um do outro para brilhar.



# *A beleza de nossas praças*

por **Karine Berdian**

Passo Fundo já foi cenário de muitos momentos da minha vida, nasci e cresci aqui e lugar nenhum substitui esses momentos vividos na nossa cidade.

Lembro de quando era criança ia brincar com a minha irmã na praça Marechal Floriano em frente a nossa bela Catedral. Lembro daquele monumento, da Cuia que tinha água e nós sentávamos na beirinha e ficávamos brincando com as mãos na água que caía.

Anos depois quando estudei na escola EENAV, muitas vezes quando saia mais cedo ia para a praça Tamandaré que fica logo cima da escola, ficávamos sentados naqueles bancos bem em baixo das árvores aonde sempre teve uma sombra maravilhosa e ficávamos jogando conversa fora e planejando os trabalhos da escola.

E hoje em dia não tem nada melhor em um lindo domingo de verão do que curtir o maravilhoso Parque da gare, bons amigos e um chimarrão. Momentos vividos aqui na nossa cidade que jamais serão esquecidos e que venham muitos outros para ficar guardado para sempre na memória e no coração.







## *Lucas Mendes Hessel*

Escritor e leitor crônico e convicto, é graduado em Letras pela Universidade de Passo Fundo e atua profissionalmente como professor de Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Literatura, trabalhando com crianças, jovens e adultos. Colaborador do Projeto Passo Fundo, atualmente faz parte do Programa de Pós-Graduação em Letras, como aluno da linha de Leitura e Formação do Leitor.



# *Independ's Sniper*

por Lucas Mendes Hessel

## Independ's Sniper

Deixo o poste pra trás com sua base de concreto coberta com a minha urina e me encaminho para a esquina. Do outro lado da rua vem um casal. O rapaz acende um cigarro e o ato ilumina suas faces escuras e sérias, os olhos por certos perdidos na brasa que queima o tubo de papel com tabaco que ele suga. De sua companheira, tirando os cabelos escuros e cacheados presos num rabo de cavalo, nada mais reparo.

Continuo caminhando até alcançar os dois vendedores de churrasquinho com suas churrasqueiras fumacentas. A culpa me assalta ao pensar no momento do abate das criaturas que tem os pedacinhos sendo assados ali, a dois passos de mim. Mas que os terneiros me absolvam, porque acho o cheiro delicioso. Só que me encontro impossibilitado de ingerir qualquer sólido. Um dos motivos é que não tenho muito dinheiro. Se gasto em um espetinho bebo menos cerveja. O outro é que se me atrevo a comer carne assada vomito quando chegar em casa.

Já passei da época em que o vômito é inevitável na privada duvidosa de um barzinho invocado. Mas a má digestão advinda do grande consumo de álcool me incapacita de dormir e, assim sendo, nessas situações me vejo obrigado a enfiar três dedos sujos garganta abaixo pra forçar a goela a expulsar o que tiver dentro de meu estômago defeituoso. Então o churrasquinho não é uma opção.

Enquanto sigo meu caminho penso na dissimulação obstinada a qual me dou o trabalho pra que meu melhor amigo tenha uma noite tranquila ao lado de seu par megalômano. Mas então sou atraído pela conversa de um dos vendedores de espetinhos, “Mas olha isso! Puta que me pariu!”, o mais baixo e mais escuro fala, primeiro se dirigindo para

o mais alto e mais gordo e depois olhando pra mim, que acabo de voltar os olhos na direção da conversa. Minha expressão é de curiosidade. O sujeito pergunta “Pode isso?” e fica me olhando, esperando aprovação, eu acho.

Não sei do que ele fala. O baseado que eu fumei antes já não zumbe mais nos meus ouvidos e assim mesmo não entendo do que é que eles tratam. E nem teria como saber, mas entendo a tática.

Nós entendemos.

Eles pretendem me convencer a comprar um ou mais espetinhos puxando papo comigo.

Se ao menos imaginassem o inferno do qual minha mucosa estomacal é o chão, não perderiam tempo.

O mais baixo se abaixa, dobra a cintura e estica o braço na direção do chão. Esse gesto complementa nossa comunicação quando ele pega algo do chão e estende pra mim uma mão com dedos escuros de carvão.

A fumaça com cheiro de sal e gordura queimada me faz querer comer. Mas eu deixei uma Polar quase cheia na mão da Duda e se não me apressar ela toma a melhor parte e deixa menos da metade esquentando no fundo do alumínio suado. Nesse instante me dou conta de que o vômito é uma certeza e de que talvez eu não esteja assim tão preparado pra encarar um acesso de náusea alcoólica enquanto os DJs tocam Coffee and TV ali no Batatas. Ainda assim, vomitar sem que haja sólidos esôfago acima é melhor do que golfar os tendo no interior do estômago.

“Não tô ligado” eu respondo meio sem jeito, olhando pra um pequeno e disforme objeto cinza escuro. É curioso, porque eu reconheço o diminuto artefato que me é mostrado.

Apesar de meu conhecimento nessa área se basear em um mínimo de estudo amador pela internet, sei que aquilo que o mais baixo dos vendedores de espetinhos segura entre o indicador, o médio e o polegar, é um chumbinho deformado pelo impacto do disparo de uma arma de ar comprimido. Pela circunferência do projétilzinho compactado julgo que ele seja de seis milímetros. Apesar de me considerar amador no quesito mais superficial da balística exterior, eu reconheceria um projétil impactado na maioria das circunstâncias que me fossem apresentadas. Afinal de contas, convenhamos, não é algo tão difícil de reconhecer.

“Atiraram aqui na gente!” reclama o vendedor de espetinhos e eu desprego os olhos do pedaço amassado de metal. É óbvio que atiraram neles, apesar de isso não parecer provável. Não é do costume da sociedade daqui de onde vivo usar armas de pressão de grande calibre pra alvejar pessoas.

**Sabe-se que matam muitos animais com tais** armas. De gatos a cachorros, passando por passarinhos e os desejados ratos. Por vezes um acidente por mau manuseamento e imperícia. Mas quando se pretende ferir seriamente ou matar um sujeito qualquer, é esperado que um revólver, pistola ou outra arma de fogo seja empregada.

“Imagina se isso acerta o olho de alguém!” segue reclamando o sujeito. O gordo, que é em quem eu reparo agora, tem uma franja sebosa e mantém as mãos nos bolsos e olha pra mim um tanto enviesado. Ele nada diz e eu respondo “Não pode acertar alguém nos olhos mesmo!”.

Fico desconcertado. Há uns três anos atrás presenciei uma tentativa de assassinato a cento e cinquenta metros de onde me encontro agora, envolto na fumaça do churrasquinho. Minha namorada, alguns amigos e eu acompanhávamos um colega nosso até seu apartamento quando um gordão de camisa branca e chinelos de dedo dispara um trinta e oito de cano longo quatro vezes contra sua própria namorada, que lhe impedia de entrar na portaria de um edifício onde ambos dividiam um apartamento. O filho da puta atirava tão mal que dos quatro tiros acertou só dois. Um em cada perna. O que foi o suficiente pra que a menina quase entrasse em estado de choque pela perda de sangue. Um ano depois, a cem metros dos espetinhos, descendo a rua, um guri que fazia internada artística comigo lá no Osório Porto, mais de quinze anos atrás, foi executado no banco do carona de um Vectra dois mil e pouco. Dizem que foi passional. Um amigo meu que estava lá me contou.

Aqui na Indep eu já tive mais de uma vez armas de fogo apontadas pra minha cabeça, como na vez em que a polícia fechou todo o perímetro e um oficial novato, no final de um breve e brando interrogatório e uma revista relaxada, nos pediu que não voltássemos mais praquele ponto da rua. Disse que gente como a gente não tinha necessidade de ficar por ali. A cordialidade preguiçosa desse capitão me convenceu menos do que a pistola que ele apontou na minha direção no começo da abordagem. Gosto de pensar em como seria a atitude dele se chegasse a descobrir o tanto de maconha que era meu e que uma amiga minha tinha enfiado no meio dos peitos quando percebemos o que iria se dar.

Nem meio quilômetro daqui dos churrasquinhos tem tiroteio quase todo sábado. Alguns dizem que a culpa é do preço da cerveja. Skol Beats a um centavo é algo em que a sociedade deve parar pra pensar. Mas eu penso que a culpa é do preço no mercado das armas de fogo. Cada um com seu cada um.

A verdade é que eu dou uma olhada em volta, acima, fazendo minha cabeça descrever um arco lento. Vasculho os edifícios muito altos ao meu redor. Boa parte deles tem as janelas iluminadas, mas a maioria se encontra em trevas. Sacadas compridas totalmente às escuras. Terraçoes distantes absorvidos pelo negror de uma noite meio nublada que tem lua cheia e que não me permite ver onde há a sombra. Sombra que é produto do concreto armado dos caros apartamentos do centro dessa cidadezinha de província.

A verdade é que em algum lugar tem alguém que esteve disposto a disparar uma arma na direção de uns vendedores de churrasquinho em uma madrugada de quarta feira.

Pergunto-me o porquê de alguém atirar em vendedores de churrasquinho. Penso que talvez o disparo nem tenha sido endereçado a eles. Talvez o pouco vento e a distância de onde o tiro tenha sido dado tenham desviado consideravelmente sua trajetória.

“Isso é uma baita sacanagem!” continua o pobre sujeitinho. “O cara vem pra trabalhar e os loucos ficam aí, avacalhando.” “Isso daí é um chumbinho.” Eu digo, ainda desconcertado, e a palavra chumbinho no contexto de minhas lembranças daquelas imediações parece estar ligada a algo que não pode ser tão ruim assim.

Quando você fala Carabina de ar comprimido as pessoas ligam tais significantes ao significado de Espingardinha de chumbinho. Soa como se fosse um brinquedo. E isso é, no mínimo, um equívoco. Um equívoco perigoso.

Uma arma capaz de disparar o tipo de munição que aquele simplório comerciante de carne assada segura entre os dedos cospe o projétil a mais de duzentos e cinquenta metros por segundo. Não é todo mundo que se dá ao trabalho de pensar no dano que um chumbinho faz em um tomate a uma velocidade bem menor que essa.

O vendedor de espetinho parece considerar minha observação por um instante e concorda. “Tão atirando chumbo aqui na gente.”. Talvez sua concordância não signifique que ele realmente se importe

com a minha improvável compra de espetinhos. Talvez esteja realmente assustado ou indignado por ter se tornado um alvo para algum sacana de mau gosto por trás de alguma janela escura. “Baita sacanagem” é só o que consigo responder, e penso que um treco daqueles que ele segura nas mãos pode atravessar o ar a quase trezentos metros por segundo e, dependendo da inclinação, atingir quase meio quilômetro de distância.

O mais assustador numa história dessas é que, além do dinheiro, pra adquirir um engenho capaz disso, é preciso apenas ter 18 anos e um documento que comprove isso.

O vendedor de churrasquinho reclama da possibilidade de alguém ser atingido no olho, mas nós sabemos - é só acessar o youtube - que, apesar de subsônica, aquela porcária amassada entre os três dedos do cara faria mais do que apenas furar um olho.

Sigo meu caminho pensando em dizer pros vendedores de churrasquinho saírem dali, mas também não dou muita importância. Viver é estar sujeito e o risco a gente assume, seja engolindo a porra de alguém que se conhece faz pouco tempo seja comprando a cocaína que o sujeito que cuida dos carros estacionados na frente do Bradesco te vende.

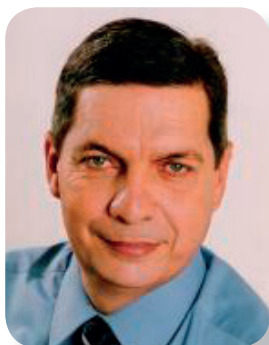
Chego na frente do Batatas com o atirador em algum lugar. Talvez até esteja me acompanhando, distante, por uma potente luneta. Uma amiga nossa mantém a expressão chorosa e embriagada enquanto um sujeito baixo e loiro monta guarda a seu lado. Não consigo deixar de reparar na cintura descoberta que sustenta seu torso de seios pequenos. Não consigo deixar de imaginar o pescoço dela atingido por um projétil de chumbo calibre seis milímetros, disparado de algum lugar acima de onde estamos. Um rasgo irregular no caso dela ser atingida de raspão. Seu sangue fluindo com vigor, tocando o chão e se tornando negro à medida que a coagulação vai se dando na imundície da calçada ladeada por uma sarjeta úmida repleta de guimbas de cigarro. Paro pra falar com ela, mas o sujeito que monta guarda me intercepta e aperta minha mão, apesar de eu não querer apertar a dele. Mais tarde minha namorada me conta que ele é bicha e deve ter pensado que eu tentava investir sobre uma mocinha chorosa, fragilizada, bêbada e que ele conhece. Talvez ele tenha visto desejo em meu olhar, mas fico contente em saber que tenha agido em favor da menina.

Mas no momento me detenho a apertar uma mão indesejada e me despeço de nossa amiga, que ainda me dá um sorriso muito honesto.

A íris de seus olhos verdes realçada pela vermelhidão das escleróticas. Seu pai veio buscá-la e eu começo a beber novamente. Por hora me esqueço do sniper e tiramos algumas selfies. O cheiro de carne assada não é mais sentido. Talvez os dois vendedores de espetinho tenham ido embora, não sei, e também não me importo. A verdade é que me sinto ameaçado, tanto por minha integridade física quanto pela de meus amigos e amados. E saber que eles podem ser feridos me dá vontade de ferir também.

Se eu tivesse uma peça de artilharia e a devida munição, despedaçaria todos os topos dos edificios adjacentes.





## *Marco Antonio Damian*

Historiador. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, do Instituto Histórico de Passo Fundo e da Associação Gaúcha dos Historiadores de Futebol. Colaborador no Projeto Passo Fundo.



# *A Figurinha que faltava*

por Marco Antonio Damian

No embalado dos meus netos que me pedem para comprar pacotinhos de figurinhas do álbum da Copa do Mundo de 2018, lembrei da minha infância e minha intimidade com as figurinhas. Entre meus sete e treze ou quatorze anos, mais ou menos, gostava muito dos álbuns de figurinhas. Álbuns dos personagens da Disney, álbum de animais pré-históricos, álbum de atores e atrizes de cinema e, naturalmente álbuns de futebol. Desde a Copa do Mundo até os campeonatos Robertão. Ah, tinha também figurinhas que vinham nos chicletes e nos vidros de Toddy, estas chamadas de Os Patrulheiros Toddy. Eu vibrava a cada pote de Toddy que minha mãe comprava. Eu despejava o chocolate num outro recipiente para pegar as figurinhas que vinham no fundo do frasco.

Em 1969, eu tinha 13 anos de idade. Estudava no curso ginásial do Colégio Conceição e morava na Rua Bento Gonçalves, quase esquina com a Rua Paissandu. Nesse mesmo ano foi inaugurado o Estádio Gigante da Beira-Rio, do Internacional, que lançou um belo álbum de figurinhas. Tinha figurinhas de alguns ídolos do passado, de diversos ângulos do estádio e, dos jogadores que compunham o elenco de 1969. Acho que era isso, se bem me lembro.

Embora gremista, mas fanático por coleção de álbuns de figurinhas, fui na Casa Pingüim, que nessa época se situava na Avenida Brasil, defronte ao Banco do Brasil, e comprei o álbum e alguns pacotinhos de figurinhas. O dinheiro para este lazer eu conseguia realizando pequenos serviços para minha mãe ou para meu pai, minhas tias e meus tios. Por exemplo, ir ao armazém, cortar lenha para o fogão, realizar algum servicinho doméstico, ou dar uma pequena “mordida” em algum adulto da família.

Lá pelas tantas, com o passar do tempo e o álbum se completando, as figurinhas duplas chegam aos borbotões. Com meus amigos vizinhos ou colegas de aula que também tinham o álbum nos encontramos na frente da Pingüim para a famosa troca-troca. Tem o fulano, dizia alguém. Eu, numa destreza pouco vista desfilava de uma mão para outra a pilha de figurinhas. Não tenho. Era uma decepção.

Lá pelas tantas com o fogo do início da coleção se arrefecendo, não valia a pena comprar mais pacotinhos, pois vinham sempre as mesmas. Lembro que em meu álbum faltavam oito ou nove figurinhas, não recorde direito. O álbum foi guardado assim mesmo.

Certo dia, já passado mais de mês da minha desistência em completar o álbum, estava na frente de minha casa, onde tinha uma pequena mureta entre o portão, sentado com dois meninos da minha idade, meus vizinhos. Não lembro exatamente quem eram. Vindo da Rua Uruguai e subindo da Bento Gonçalves um jovem senhor, que deveria ter uns 30 e poucos anos. Parou, nos olhou e perguntou: “Vocês fazem o álbum do Inter?” Sim, respondi. Ele abriu o coração e disse: “Sou de Carazinho e vim a Passo Fundo para tentar conseguir a figurinha que falta para completar meu álbum, o Urruzmendi”. Este senhor deveria ser fanático torcedor do Internacional ou apenas um colecionador, possivelmente com filho pequeno, e queria completar a coleção. Urruzmendi foi um ponteiro-esquerdo uruguaio bom de bola, da seleção de seu País, mas que não teve muita sorte jogando por aqui. Não se destacou, afinal. Não perguntei seu nome, pois acho que não me interessava. Respondi que tinha a figurinha do Urruzmendi, mas que estava colada no álbum. Não tinha nenhuma dupla. Foi então que ele falou: “Pois dou 500 cruzeiros agora para você descolar do álbum e me vender a figurinha”. 500 cruzeiros era uma nota cinza e que valia muito, principalmente para mim.

Entrei em casa e falei o que ocorria para minha mãe. Naquele momento estávamos passando por alguma dificuldade financeira e este dinheiro seria ouro para compra de alguns mantimentos que faltavam. Peguei o álbum e o dei a minha mãe. Ele tinha água quente no fogão à lenha para o chimarrão. Colocou a página com a figurinha próxima ao vapor da chaleira, a cola foi se desmanchando e a figurinha se descolando. Foi só pegar o auxílio de uma faca e retirar a figurinha sem nenhum dano. Depois minha mãe secou a figurinha com um pano e a entreguei aquele colecionador. Ele vibrava. Voltou a sua cidade com o álbum completo e eu com 500 cruzeiros na mão. Ele agradeceu várias vezes e se despediu com um sorriso no rosto.

Eu peguei o dinheiro e o entreguei a minha mãe. Voltei à mureta, sentei e continuei a conversa com os amigos. Muito tranquilo, afinal era apenas uma figurinha a menos num álbum incompleto.

Passado um ou dois dias, minha mãe me chamou e me deu dez cruzeiros daqueles 500 da figurinha. Poderia comprar alguma merenda no colégio ou sei lá, fazer qualquer coisa com aquele dinheiro. Comprar um gibi sei lá. Sabe o que fiz? Comprei alguns pacotinhos de figurinhas daquele álbum. Cheguei em casa e no primeiro pacotinho que abri, surpresa. Estava lá com seu rosto de índio uruguaio e camisa vermelha, Urruzmendi.

Hoje lembrando desse episódio começo a compreender. Um senhor vindo de Carazinho para localizar uma figurinha que certamente procurou-a exaustivamente em sua cidade. Poderia andar por qualquer lugar de Passo Fundo em busca do que procurava. Mas passou ali, na rua onde eu morava, eu estava ali sentado, umas três ou quatro horas da tarde, resolveu perguntar se alguém colecionava aquele álbum e se tinha o Urruzmendi. Eu tinha e, pela grana e o apelo daquele senhor o retirei do meu álbum. Aquele dinheiro serviu para fazer compras de alimentos que serviu a toda a família e com uma pequena sobra minha mãe me repassou, comprei figurinhas e aquela me retornou. Uma felicidade que se completou. Rigorosamente todos saíram felizes. Uma verdadeira obra de Deus.





## *Miguel Guggiana*

Nasceu em Uruguaiiana em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992. Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário do ramo imobiliário. Colaborador assíduo no Projeto Passo Fundo e autor do livro “Garçon, a saideira!” sucesso de venda e crítica.





# *Apresentação Entrelaços*

Por Miguel Guggiana

Prezada Tânia,

Acuso recebimento de tuas cartas.

Hoje, na companhia deste novo livro, da qual me permitiste desfrutar antecipadamente, tirei um tempo para reler e pensar a respeito de tuas obras, cotejando-as com esta. Conheço-as bem, de fio a pavio, tim-tim por tim-tim, vírgula por vírgula. Passei os olhos novamente em O exercício das vozes, Comércio de ilusões, Autópsia do invisível e O eco dos objetos: cabides da memória - este, meu livro de cabeceira. Apenas não encontrei o Amantes nas entrelinhas, que certamente anda por aí, sob os olhos de algum amigo. Em todos eles transitas bordando colorido cada palavra, por diversos temas, escrevendo redondo para quem sabe ler, com tua marca registrada, aquela de citar escritores, “universais” e da “aldeia” - citações, aliás, cuidadosamente garimpadas, fazendo disso mistura fina. Vale ressaltar que trabalhas as palavras, compões as frases, não te afastas uma linha das normas cultas, fazendo com que pensemos. Sim, escreves para leitores inteligentes, criando universos instigantes nas entrelinhas. És mestra nisso!

Nem por isso, no entanto, abres mão da leveza, pois pincelas com poesia tuas crônicas. Teus escritos são crônicas poéticas? Acho que sim. Para Paulo Monteiro, crônicas-ensaios. Já na ótica de Clauder Arcanjo, prosa poética, ímpar.

Agora me vens com esta: um livro de, ou sobre cartas?! Cartas, cartas... Ah! Que prazer me deu ao lê-las. Há quanto tempo não recebia uma(s)?! Diante dessa forma inovadora que te propões a abraçar nesta nova obra - epistolar? -, confesso que me rendo e não me atrevo a palpar sobre gênero, estilo e outras classificações afins. Agora, sem

dúvidas, abres novo caminho literário onde podes expressar tua erudição. Como neste caso. Prefiro muito mais dizer que aprecio teus escrevinhados, nos quais mergulho de ponta cabeça, independentemente de qualquer coisa.

“Escrever é fácil, começa com maiúscula e termina com um ponto. No meio você coloca ideias”, disse certa vez Pablo Neruda. Para os simples mortais, não acredito, mas no teu caso me parece que sim: a bic desliza no papel, as frases dançam de rosto colado, os motes brotam do nada, aparecem, assim, de repente, e se tornam livros iluminados.

Donde buscas inspiração para transpor para a literatura essa diversidade toda de assuntos, que clamam por palavras, que significam conceitos e emoções, que pedem ideias, coragem para abraça-los? Penso que seja Talento (com T maiúsculo). É isso mesmo, amiga? Um dia me conta.

Retomando tuas correspondências - as enviadas, recebidas e até mesmo as que dormitam nas gavetas, não remetidas simplesmente por falta de oportunidade -, percebo que as organizaste com bom gosto - diria finesse, coisa pensada. Em cada uma delas, pinças fatos do cotidiano, e não faltam registros de alegrias, tristezas, amor e paixão, que entrelaças com fitas coloridas, naquele teu estilo - sem igual - já referido. As vozes que tu deste às cartas permitiram que eu me identificasse em algum momento naquelas linhas, como certamente ocorrerá com teus demais leitores. Sem querer antecipar-lhes a leitura, não resisto, tenho que transcrever um trecho que muito me agradou, de uma carta endereçada a teu companheiro de décadas: “Já perdi a conta de quanto tempo faz que nos escrevemos. Com suas palavras e o seu amor me tornei mulher interessada pelo mundo”. Além de romântico, comovente, capaz de, no silêncio da leitura, transformar a alma leitora, que já não fica mais a mesma, parafraseando Agostinho Both, quando se refere a teus escritos.

Já me alonguei além da conta para quem pretendia dizer tão somente “acuso recebimento” e, que, capitulando ante a tua escrita feiticeira, falou demais. Dou o ponto final, cerimoniosamente, na forma antiga, com pompa e circunstância que tuas fabulações epistolares merecem.

Subscrevo-me com apreço e admiração,

Guggiana

# *Barcos sem Pescadores*

## *Carta ao Autor*

por Miguel Guggiana

Passo Fundo, 01 de julho de 2017.

Prezado Agostinho,

“-Foi matado, suicídio ou afogado?” Esta pergunta do Nico para o Professor Inácio, quando se viram num fim de tarde, quase noite, no meio do Rio Fundo, as voltas com o defunto boiando. O primeiro, quase batendo no barco em que pescavam; pensei cá comigo: que situação periclitante! Isso lá é coisa que se faça, assim adredemente, no início da história lançada magistralmente, diga-se de passagem, através da boca do personagem? Uma pergunta desta nos peitos de quem lê? Pelo sim e pelo não, mesmo administrando o golpe e os efeitos da provocação, chego ao fim da leitura com o mesmo questionamento: “foi matado, suicídio ou afogado?” Mas, deixe pra lá, ainda vou descobrir o que realmente aconteceu naquelas grotas, tim tim por tim tim, vírgula por vírgula. Juro!

Comecei a ler teu “Barcos sem pescadores” e de vereda me saltou aos olhos a singularidade na forma da contação da história, em cotejo com teus outros escritos que andei especulando: Pequenos seres da terra, A cuidadora, Aquiles o inconstante, Sonhos pedagógicos da professora Antônia. Este, que te falo, de cabo a rabo, uma conversa só. Momento! Já te explico. Agostinho, tu usa e abusa, com talento ímpar de escreva de mão cheia, de diálogos, diálogos e diálogos, do começo ao fim, costurando numa prosa única, uma história rica, gostosa de ler, em que misturas, com especial performance literária, dramas, amores fora da lei, traições, sofrências e sobretudo mistérios, tanto que até agora estou me perguntando: o de cujo foi matado, suicídio ou afogado? E que dizer do outro

presunto que tempos depois desceu o rio, falecido com um tiro de vinte e dois, um pouco abaixo da paleta, assombrando o professor Inácio - de novo - e o Levino, que pensavam, puxavam pati macanudo? Este, deixo de lado. O furo é mais embaixo. Outros quinhentos!

Tenho cá prá mim, com quase absoluta certeza, que essa forma que me referi com que pintaste Barcos sem Pescadores, foi influenciada pela tua vivência à época, milnovecentosecinqüentaepouco, talvez adentrando alguns anos na década de sessenta, quiçá setenta, um pouco mais, um pouco menos, por aí, no teatro, que pela sua peculiaridade, pede do autor, do artista, essa condição, criando cacoete literário que só viceja em campo fértil. Deu no que deu. Como sei disso? Agostinho, te revelaste para teus leitores, homem de teatro, quando desencravaste do fundo do baú a peça Marina, Marina, tua última publicação, que já anda galopando a toda brida de Passo Fundo para o mundo.

Voltando à tua obra, em foco, digo que fotografaste com maestria o ambiente ribeirinho, quando pensas “quieto é o rio, mas não as barrancas”: palco onde o chibo corria solto, protegido pelas noites grandes e nervosas, contrastando com a placidez das águas, escondendo segredos daquilo que todo mundo sabe, todo mundo vê, mas, ninguém fala. E a convivência entre teus personagens, então? Conseguiste botar num mesmo saco toda aquela gente da costa, alemães, italianos, poloneses e, no entremeio, colorindo as relações, a caboclada; inserindo-os num cotidiano ao mesmo tempo que árido, também, buscando tuas palavras, “romântico”. E que ficou pra trás.

Já estou espichando a conversa demais para quem pretendia, tão somente dizer através destas mal traçadas linhas, que apreciei demais teu escrito, e agradecer a liberalidade com que me honraste ao permitir ler a saga - não deixo por menos - antes de assumir vida eterna, no prelo.

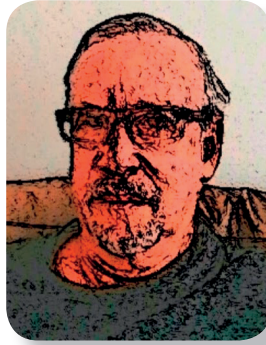
Mais, aproveitando a carona do Correio e, abusando de tua paciência, encerro pedindo uma resposta à dúvida que me persegue, que juro, se liberada, não conto pra ninguém. Agostinho, num particular, me diga aqui, baixinho, ao pé do ouvido, por favor, que mal pergunte, em relação à morte do Raimundo: foi matado, suicídio ou afogado?

Do outro, - o segundo - nem falar. Só a Lisandra pode dizer alguma coisa, se um dia decidir abrir o bico, nem tu, penso cá com meus botões, mesmo sendo o inventor da história.

Tenho dito.

Subscrevo-me, atenciosamente.

Guggiana



## *Pedro Du Bois*

Poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, Poesia, com o livro *Os Objetos e as Coisas*, editado pela Scortecci Editora, SP. Tem publicado pela Corpus Editora, Portugal, *A Criação Estética*; pela Sarau de Letras, Mossoró, RN, *Seres*; pelo Projeto Passo Fundo, *Brevidades*, *Via Rápida*, *Iguais e Em Contos*; pela Editora Pernalux, *O Senhor das Estátuas*.



# *Hugoslisoas*

O corpo móvel significa a permanência.  
Identifica o espaço onde corre em busca  
da sequência. Sorri imprudências. Deseja  
reafirmar em cores o sortilégio de ser  
apenas o preto e o branco: claro  
e escuro modos de coabitar formas  
de conluio. Faz da hora o ínfimo  
de que se aproveita em raciocínios  
e declara em extrato  
a fama: desde sempre oposto  
ao gesto sai e revolta. O espelho  
evidencia o gosto com que seus  
cabelos ordenam gestos. As mãos  
recriam atos em reversas imagens.  
Tantas divergências em afluências.  
A demora demonstra sua atitude.  
Sua rapidez assusta. Assume  
a inconstância em olhares  
e soslaios. Desde quando  
a criança se orienta  
ao futuro: fábricas  
desenvolvem  
políticas em pregos.

Retornos se completam  
ante a possível virtude  
de acobertar idas  
e vindas. Sua releitura  
indica verbos em atividade.  
Ir longe através da costa  
na descoberta das línguas  
roladas em pistas. Destruir  
relacionamentos e manter  
antes de tudo  
a intenção de reviver  
futuras interpretações: ser  
hugolisboas desde  
sempre.



# *Yamandu Costa*

Cordas entre dedos  
ágeis  
coordenados.

Cordas entre sentimentos  
rápidos  
extremados.

Cordas entre mãos  
leves  
diáfanas.

Yamandu entre cordas  
sentimentos  
dedos  
mãos.

# *Simples*

Simples questões não respondidas  
: de quantos Passo Fundo fomos feitos  
nesta geração efêmera; os que se foram,  
quem ficou, quem retornou, aqueles  
que se recusaram, quem morreu

Passo Fundo reconhece e atrai, impõe e impõe  
o espaço ampliado dos caminhos: o boqueirão  
aberto ao passo, o cemitério ultrapassado, o sexo  
desavindo ao acaso, antigas estradas e territórios  
cedidos em concordata amigável; no desmembrar  
a história as mentiras amenizam fatos encobertos

simples quesitos impostos a todos, do Passo  
Fundo em praças transplantadas, prédios  
destruídos, passado desconsiderado

no Fundo, o Passo alivia a pressão da fuga  
o corpo se volta ao passar do ônibus, se curva  
ao avião que sobe, se recusa ao trem inexistente

simples questionário incompleto, reflexiva  
imagem nas águas impuras da praça.



## *Roque Gilberto Annes Tomasini*

Agrônomo, autor dos livros *Utensílios e ferramentas utilizados pelos emigrantes da Itália no Sul do Brasil* de 2015; *Escola na natureza: roteiros de educação e recreação ambiental* de 2016; *Terceira Idade na Natureza* de 2016; *Maria, a mosca e o lixo* de 2016; *Família Tomasini: história e causas* de 2016; *Genealogia da família Annes: genealogia dos descendentes de José Annes Lopes: 12/11/1888* de 2016; colaborador do Projeto Passo Fundo.



# *O tropeiro*

## *Torquatto Lancelote*

por Roque Gilberto Annes Tomasini

O tropeiro Torquatto Lancelote

Início das férias do colégio em Porto Alegre e eu já pronto para ir para o povoado de Pulador, onde morava a minha avó.

Férias da cidade grande e início de 30 a 40 dias de liberdade no povoado, brincadeiras com a piazada local e descobrindo coisas da vida do interior.

Pulador durante muito tempo teve sua economia baseada na pecuária extensiva e nas serrarias de pinheiros araucária.

Era comum trens de carga de gado descarregarem os animais, vindos acho que da fronteira, para depois seguirem viagem na forma de tropa de gado. Para conduzi-los havia vários tropeiros na região.

Um chamava-se Torquatto Lancelote, e era uma figura ímpar. Sempre de enormes bombachas, bota com cano sanfonado, camisa branca de manga comprida, chapéu de quatro cantos, lenço vermelho e uma enorme guaiaca. Detalhe: só tinha quatro dedos de nascença. Quando o conheci, já havia parado de tropear mulas de Pulador até São Paulo, parece que para Sorocaba. Segundo ele, era um mês de viagem com 300-400 mulas. Não sei quem ia com ele. Mulas entregues, dinheiro na guaiaca, voltava de trem com os arreios e a roupa de viagem. Não esquecendo, um enorme revólver 38.

Lembro-me que dizia: não pode faltar dinheiro para pano de cueca. Imagine passar mais de um mês sobre um cavalo, com cueca apertada. Não dá para aguentar.

“Segundo Leopoldo Costa, em sua história do tropeirismo, durante os meses de setembro e outubro as tropas saíam de Passo Fundo e seguiam a jornada passando por Lages, Mafra, Rio Negro, Lapa, São José dos Pinhais e Curitiba. Em Curitiba os animais e os tropeiros permaneciam até abril e maio esperando a Feira de Sorocaba. Saindo em direção à Sorocaba as tropas passavam por Palmeira, Ponta Grossa, Itararé, Itapeva, Buri Itapetininga, Alambari, Araçoiaba da Serra e finalmente chegava ao destino. Em Sorocaba os animais eram amansados e engordados. “

Já na vida de aposentado, todo o mês vinha a Passo Fundo buscar sua aposentadoria, numa agência bancária perto de onde hoje é o banco ITAU.

Suas roupas, mesmo para Passo Fundo, chamavam a atenção e as pessoas paravam para admirar sua figura.

Era um pedaço do Rio Grande do Sul que foi embora, na tropeada sem fim do tempo que a todos nos levará algum dia.

# *A maconha plantada na Avenida Brasil*

por Roque Gilberto Annes Tomasini

Na Avenida Brasil, na direção Centro-Petrópolis, há umas duas quadras da praça Tochetto, existem dois pinheiros araucária no canteiro central, e pelo diâmetro do tronco devem ter sido plantados há pelo menos 50 anos.

São os únicos na Avenida Brasil, do Boqueirão até a Petrópolis. Poucas pessoas já se deram conta destas árvores. Como são pinheiros machos, não chamam a atenção.

Este caso é verídico. Quase em frente há uma barbearia, que como em qualquer barbearia tudo se sabe e tudo se inventa.

No espaço entre os dois pinheiros, um agrônomo, já falecido, excelente agrimensor, sempre utilizava aquele pequeno pedaço de terra para plantar alguma coisa que não fosse flor. Um passatempo agrônômico.

Ele havia plantado dois pés de mandioca, de folhas bem estreitas, que além de serem bonitos, eram muito ornamentais, e ainda poderiam render um bom cozido de mandioca plantada em área central da cidade, em área pública.

Certa tarde, barbearia cheia de clientes e de jogadores de conversa fiada (barbearia é uma espécie de local de terapia coletiva, sem custo), aparecem na porta duas pessoas, dois *magrelões*, com cara de olhar perdido. Educados, dão boa tarde e perguntam, para espanto geral: tio aquela planta no meio dos pinheiros é maconha?

Surpresa geral. Sim responde nosso agrônomo e apoiado pelos demais. Sim. É da boa.

Obrigado e até logo tio.

Na manhã seguinte, surpresa. Cadê os pés de maconha? Sumiram e só deixaram os tocos de lembrança.

Dias após os magrelões voltam e disseram que foram eles que tiraram e não disseram como fumaram.

Fizeram um elogio ao produto: tio era da boa. E foram embora.

Os presentes desandaram a rir, pois não acreditavam que a dupla tivesse acreditado na história da maconha.

Esta é a história da maconha na Avenida Brasil, cultivada em área pública.

Quem quiser confirmar, vá até a barbearia do Eri.



# *A chegada dos ônibus intermunicipais em Passo Fundo*

por Roque Gilberto Annes Tomasini

Viajar de ônibus intermunicipal significa que você pode tirar uma soneca até o destino, seja para descansar ou porque já está cansado de viajar e acaba dormindo de cansado.

Nos ônibus atuais, em que os de longo curso são dotados de ar condicionado e poltronas com o mínimo de conforto, sem falar em banheiros em que o usuário tem que ser artista equilibrista, não é tão ruim.

Mas, vamos voltar uns 50 anos no tempo.

Ônibus barulhentos, “duros”, em que qualquer buraco o passageiro era quase que arremessado para o teto, sem ventilação e com inúmeras paradas para embarque, desembarque e lanches em locais pré-fixados.

Na linha Passo Fundo-Porto Alegre, pela denominada “estrada da produção” o ônibus percorria cerca de 90 km e parava em Vila Assis, por uns 15 minutos para lanche e banheiro. Pode uma coisa dessas? Depois, não me lembro de se era direto para Porto Alegre, ou com paradas em Estrela, Lajeado e não sei onde mais. Não era uma viagem, era uma excursão pelas rodoviárias ao longo desta estrada.

Na volta o ritual somente era invertido.

O passageiro ao iniciar a viagem sabe que tem um longo percurso pela frente.

Na volta, a expectativa é grande. Finalmente em casa.

Na entrada da cidade de Passo Fundo, havia um dispositivo automático que acordava todos os passageiros.

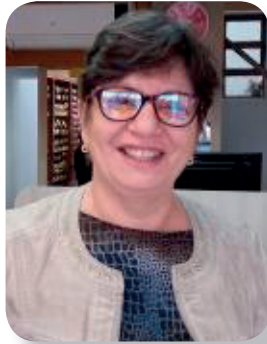
De repente o ônibus diminuía bastante a velocidade e começava a sacudir para todos os lados. Objetos caíam do bagageiro. Crianças acordando e chorando. Mães loucas para chegar em casa depois de umas 6 horas de viagem.

Já adivinharam? O ônibus estava entrando no “Boqueirão” e seus buracos na rua, quando não eram crateras.

O ônibus encostava e o motorista anunciava: primeira parada. Se não estivesse chovendo, tudo bem. Se estivesse chovendo, não era problema do motorista se não havia nenhum abrigo.

Por muitos e muitos anos, este despertador automático, chamado “Buracos do Boqueirão” continuou, até que apareceu um asfalto quebra galho.

A cidade cresceu, os ônibus modernizaram, mas os mais velhos ainda se lembram da gloriosa chegada do ônibus no “Boqueirão”.



## *Tânia Du Bois*

Residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em portais, sites e blogs literários. Organizadora e revisora de textos; capista de livros. Colaboradora no Projeto Passo Fundo. Autora dos livros “Amantes nas Entrelinhas”, “O Exercício das Vozes”, “Autópsia do Invisível”, “Comércio de Ilusões”, “O Eco dos Objetos – cabides da memória”, “Arte em Movimento” e “Vidas Desamarradas”.



# *O Cassino da Maroca*

por Tania Du Bois

Sou a primeira a aceitar convite para ler obras literárias, principalmente, se for antiga, pois, costuma ser “mais viva” quando contada através das histórias ouvidas no decorrer do tempo; posso ler no correto tom as necessidades, inquietudes, costumes e anseios dos personagens. Suas posições político-sociais versando sobre os dias de ontem são temas inegáveis que rondam o ambiente no abordar questões polêmicas de cada ser em relação íntima com o curso da vida; como encontro no livro-álbum, de 1993, escrito e ilustrado por Ruth Schneider: *O Cassino da Maroca*.

Ruth expõe à luz do dia o que se passava à noite, entre portas fechadas, no Cassino. Resgata a época inusitada no espelhar, através da arte, a sociedade passo-fundense dos anos cinquenta. O gosto pela história do Cassino da Maroca a incentivou a contar sobre aquele ambiente, o mais procurado pelos homens para a realização dos seus desejos, no desafio de se realizarem sexualmente; pagando o preço de dizer “sim” à liberdade, libertinagem e liberalidade em relação ao sexo e ao prazer físico. Desvela assuntos que despertam curiosidade, ainda hoje, ao retratar o mistério dos prazeres dos homens enquanto frequentadores do Cassino, onde seus pensamentos e sentimentos se manifestavam - e iam além - no escolher a mulher mais bela e sensual do local; disputavam entre si a meretriz mais sensual e provocativa. Por tudo isso, *O Cassino da Maroca* era o ponto de encontro onde as “coisas” aconteciam, sob o olhar compenetrado da cafetina. Seus “clientes” consideravam o local alegre, voluptuoso, prazeroso e fonte de desejos.

Contam as más línguas que, “Um frequentador assíduo do Cassino estava em sua casa, comemorando seu aniversário com a família e amigos quando, após muita festa e bebidas, refestelou-se no sofá da sala

e gritou para a mulher que passava: “Vadia, fecha a rosca que quero ir para casa.” O problema foi que ele estava em sua casa e era a sua esposa a mulher que passou na sua frente.

O Cassino da Maroca era “assunto” que despertava crescente atenção na elite da sociedade passo-fundense, por nele habitar figuras interessantes, como: Maria Bigode (de faca na bota); Maria Preta (figura berrante e mística de cor de jambo); Maria Zeca Navalha (responsável pelo controle das regras da casa e, quando necessário, puxava a navalha e cortava os desobedientes); Alice Miranda (dançarina e cantora); Heloísa dos Cachorros (deitava com os homens sem dispensar a presença dos cachorros). Além das tantas mulheres, havia o Trovador, no bar amoroso: “as mulheres escreviam o seu nome nas paredes e muros e, por cima, selavam o registro com batom.”

A arte de Ruth Schneider está centrada na sua memória afetiva, na representação da diversão lá existente e nos preconceitos de uma cidade em momento de desigualdades e repressão. Para Armino Trevisan, em comentário registrado na obra, “ela sabe ser ferina sem deixar de exibir, no âmago de seu festival burlesco, um tom de ternura...”

Outra passagem interessante encontrado no livro é a da costureira Elvira, que confeccionava os mais lindos vestidos, sem fazer distinção entre as mulheres da “zona” e as da sociedade, ressaltando na obra de Ruth, mais a diferença superior do homem, na época, do que propriamente a “dor moral”; apenas o material e distintivo.

Ler O Cassino da Maroca é lembrar além do que ouvimos sobre o passado, através de imagens - na farta ilustração da autora - e palavras, como estigmas arraigadas na cultura regional. Convite para descobrir a história da cafetina e suas meretrizes, bem como as reações ardentes que suas atividades despertavam e desencadeavam nos “clientes”.

Conta a “lenda” que “Maroca viu o casal se esfregando no salão do Cassino, o que era contra as regras casa; então, gritou: parem com essa pouca vergonha! Isto aqui não é o Clube Comercial! É uma casa de respeito!!”

# *Agostinho Both*

por Tania Du Bois

Agostinho Both é escritor raro, traduz a personalidade de outros tempos culturais, em que a visão do todo dava intensidade aos textos. Usa sua imaginação e conhecimento para dimensionar com vigor a sua palavra. Assim, ganha respeito e admiração na arte literária, preocupado em retratar as “ambivalências humanas”. Seu talento é reconhecido pelos livros: *EXCESSOS DAS ALMAS E DAS COISAS*; *CONVERSA DE VELHOS* e *CONTOS do ENVELHECER* e tantos outros que compõem a sua trajetória literária.

Suas observações do cotidiano resultam em interpretação sobre o tempo: a velhice, a idade avançada, a maturidade que se pronuncia de modo não escutado hoje em dia. Essa “antiguidade” representa a nossa história direcionada ao futuro, que ele com competência e pertinência transgride através de suas experiências. “... Sou filósofo do jardim e passeio nele colhendo flores. Não estou inclinado a conquistas e às bravatas das iniciativas...”

É preciso ser leitor com sensibilidade para perceber nas conotações do autor o profundo amor pela vida, com obras lúdicas, inteligentes e há poesia nas entrelinhas, bem dosadas pelo autor, singularmente crítico ante suas leituras. Sua linha de narrativa encontra a possibilidade das pessoas se reconhecerem nas diferenças, enquanto iguais. “... Praticava uma amizade constante para com ele, a ponto de ambos entenderem-se perfeitamente. Buscavam as mesmas coisas, e em tudo que faziam presidia o bem...”

Empolgada com suas obras, entre um conto e outro, na união do escritor Agostinho e o assombro pela sua desvelada realidade, encontro imagens que resgam a luz através das frestas da vida, que penetram

sua arte literária para clarear a mesmice e a correria do leitor, no dia a dia, “... A que estávamos reduzidos nós todos, que há pouco cantávamos carregando cores e luzes?...”.

Os livros de Agostinho projetam ideias e ideais, com atiladas observações que referenciam e alvejam suas reivindicações ao demonstrar o tempo vivido em plena comunhão do ontem no hoje; fosse a vida validada pela capacidade de reconhecer a realidade composta e carregada de maquiagem. Sua obra adensa na ótica capaz de revelar os momentos do tempo, onde a vida surge em registro compreensível no que tem em si: a pacificação “dos anjos”. “... É o movimento de nossos braços, é nossa atividade, feita na direção da caridade, da sabedoria, ou da beleza, que nos tornam bons e contentes...”

A face gloriosa de Agostinho emerge em território íntimo de situações contidas na correspondência para com o coração. Textos conciliadores e emotivos que, às vezes, levam o leitor a recuar quando expressa sua versão “mais avançada” em relação às peripécias da idade, expressadas de forma tão real e bonita que fico contente em poder partilhar através da leitura, mesmo com medo de nelas me refletir. Outras vezes, leva-me a questionar sobre a influência que sofremos ou a que nos rendemos em fatores que modificam o nosso pensamento com efeitos sobre as interpretações dos valores e preconceitos. Em minha leitura, tenho que o ser humano resiste a reconhecer o que desconhece em defesa da espontaneidade e do que julgamos ser a verdade. Nas palavras de Agostinho, “... Careço de uma palavra mais erudita para dizer todo o acontecido. Não sei mais se é verdade, mentira ou loucura. Preciso eu mesmo me esclarecer. Minha palavrinha é modesta: menos que um capim de outono. É pálida a minha ideia perto daquilo que se sucedeu. Sei lá se Deus invadiu a chichola do meu peito, sei lá se é assim mesmo que acontece no envelhecer...”.



# *Gilberto de Oliveira Borges (Gigi): Ecos do Passado*

por Tania Du Bois

Você já se deu conta de quanto o passado é importante e que sem ele não haverá futuro? As lembranças dos momentos, os livros, filmes e canções, as ruas, as obras de arte e as viagens, entre tantos, representam a força da história do ser humano e do seu pensamento.

Relembrar não é pecado, nem proibido, ao contrário, é prazeroso. Talvez, a liberdade total, embora difícil para algumas pessoas que, ao lembrarem o passado, enxergam nas mudanças presentes algo negativo para o futuro. Como demonstrado no livro “15 Dias Que Abalaram Passo Fundo”, do jornalista e escritor Ivaldino Tasca, “... Os acontecimentos locais foram expressão de uma comunidade que tinha exata consciência da gravidade da crise que atingiu a Nação e a consciência clara da postura que os fatos exigiam”.

A curiosidade pelo eco do passado é o que me leva a envolver com a vida atual. Repito, sem passado não há presente, nem futuro. Sem lembranças não há história a ser contada, nem som que possa ecoar.

Com carinho, cito passagem sobre a história de Passo Fundo, no poema de Pedro Du Bois, que traz a imagem da nevasca no ano de 1965 que, com saudades, poetiza, “Agosto de 1965 / Lembro tudo / o que aconteceu naquele dia; /... Lembro-me da neve caindo forte / branqueando ruas, carros, os bancos da praça. // O frio intenso. // Lembro-me da suspensão das aulas / das atividades diárias. //... Bonecos, / guerra de bolas, / bola rolando rua abaixo, / chuva congelando a neve. / O frio congelando todos nós”. O texto ecoa o passado traduzido no sentimento de lembrança como sua verdade.

Nada me desestabiliza mais do que sentir saudades do tempo vivido, principalmente, quando questionada a vida pessoal, os amores e os amigos. Pedro Du Bois revela a amorosa amizade - “almas gêmeas” - com Gilberto de Oliveira Borges, o inesquecível Gigi, como era conhecido: “Passo Fundo / silencia / suas novas chuvas // aquelas que não aconteceram / no último dia de agosto / do ano de 2002 // tivesse chovido / naquele dia / seu coração cansado e obstruído / ainda estaria entre nós // revestido como sempre / do corpo do amigo...”.

Gigi sempre teve a preocupação de inovar, sem esquecer ou silenciar nos ecos do passado o seu amor por Passo Fundo. Hoje, ele se transformou no ecoar do passado, lembrado, entre tantas ações, pela sua única obra literária de ficção, escrita aos 17 anos de idade, “Uma Terra a Procura do Céu”, romance em que descreve a tradição gaúcha e a vida nos pampas, com suas mazelas econômico-sociais.

Quando deixamos ecoar o passado, aceitamos a responsabilidade para buscar e identificar as ações futuras que, de alguma maneira, nos fará reviver os fatos no reestruturar e influenciar a nossa caminhada. Curioso é que sempre estamos em renovação que nos permite, através do passado, perceber o mundo atual.



## *Vanessa Locatelli Pietrobelli*

Nasceu em 1995, em Constantina, RS. Acadêmica de Medicina e poeta. Desde os 16 anos ocupa a cadeira de número 52, na Almurs (Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul). Participou das antologias Fatos, histórias e contos do meu município I e II, Edições Caravela; 100 Poemas 100 Poetas e Cantos Seletos, LiteraCidade; Dispersos de Maria Pequena, Projeto Passo Fundo. Colaborou na elaboração do livro Constantina – 50 anos de história e histórias, WS editor. Em 2013, lançou Faces, primeiro livro de poemas individual, pela Editora Evangraf; em 2014, obteve a segunda colocação no Prêmio LiteraCidade, com o Entre os silêncios dos meus versos brancos, publicado pela referida editora.



# *Ao editor*

**Por Vanessa Locatelli Pietrobelli**

Perdão por iniciar em primeira pessoa, editor. Há tempos não escrevo textos que não sejam prontuários e receitas controladas. Há algum tempo, também, que não envio cartas e nem vejo meus pais. Na última páscoa, editor, eu não pude ir para casa. Nem no dia das mães. Essa cidade me suga como um ralo novo de inox.

Ao menos cinco capítulos novos sobre ortopedia foram acrescentados em minha lista de leituras obrigatórias, segunda-feira passada. Mas eu tenho outros dez de clínica e pediatria para ler e mil vontades de abrir o Kaplan, outra vez. Otorrinolaringologista foi a maior palavra que eu já pude soletrar, editor, e eu finjo graça quando as senhoras com edema de Reinke e suas vozes crocantes dizem que pareço nova demais para mandá-las parar de fumar.

Aliás, editor, às seis da manhã faz um frio danado aqui no centro de Passo Fundo. Da minha janela esquerda vejo a luz do pensionato das freiras e seus joelhos dobrados orando sabe-se lá por quem. Meu hospital tem nome católico, mas há mil deuses diferentes saindo do bloco cirúrgico que eu nem mais sei. Essa cidade me suga feito hemodiálise, com fístula e tudo.

Há tempos não tomo só duas xícaras de café pela manhã, querido editor. E há quatro anos que decorei seis ou sete ruas, apenas. Aprendi tanto sobre dopamina que meu próximo gato vai ter esse nome, com certeza. Não há toque retal que doa mais do que um surto maníaco, editor. Descobri que aqui eu vejo o pior e o melhor de mim, feito sociopatia e amor. Essa cidade me fluoxetina inteira, da cabeça aos pés.

Essa cidade me tem como nenhum outro jamais me teve.



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



***Moacir Luís Araldi***

Formado em letras pela Universidade de Passo Fundo. Participação em antologias nacionais e locais. Autor dos livros Cabernet e Interlúdios. Colaborador no Projeto Passo Fundo.

O nome Encontro contempla, justamente,  
o encontro de diversas artes e artistas.  
Neste volume homenageamos nossa cidade  
em poemas, artigos, crônicas, contos, desenhos  
e pinturas em manifestações artísticas totalmente  
livres na forma de abordar o tema.  
Uma amostra significativa do talento local  
é o que estamos levando para você neste livro.  
Minha gratidão à cidade de Passo Fundo,  
aos amigos escritores e a você leitor que  
é a razão maior desta antologia.

*Moacir Luís Araldi*  
Organizador



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre.

